

“Entrevista para Revista Continente”

por Priscilla Campos para Fabiane M. Borges

1) Como e quando começou o seu contato com a literatura pósporno? O movimento dialoga com a ideia libertina de Sade ou de outros filósofos? Por que?

Foi um processo lento, quando fui morar em Brasília em 2006 fiz o Esquizotrans com Hilan Bensusan (<https://esquizotrans.wordpress.com>), uma dupla-coletivo voltada a questões de transfeminismo, pós-gênero, pós pornografia, que culminou no lançamento do nosso livro “Breviário de Pornografia Esquizotrans – Ed. Ex. Libris 2010- em vários lugares do Brasil, Portugal e Espanha: <https://catahistorias.files.wordpress.com/2011/01/miolo-brevic3a1rio-prova-de-autor.pdf>

Em 2008 fomos passar um tempo na Espanha e conheci o livro recém lançado “Testo Junkie” de Beatriz Preciado, que foi uma revelação, pois falava de toda esse panorama pós pornográfico e pós gênero e movimento queer. Então passei a ler tudo que encontrava pelo caminho dessa cultura literária, e ver muitos vídeos e performances. Fiquei fascinada com a força punk e junk dessa galera da Espanha. Enquanto isso continuávamos a escrever nosso livro Breviário, e ativar nosso imaginário e nossas experiências e começamos a ter uma relação amorosa no meio desse processo, o que foi bastante conturbado, já que exigíamos de nós mesmos, sem conseguir sempre, a liberdade e potência erótica que nosso livro, nosso coletivo e nossas imersões na cultura queer promoviam.

Em 2011 fui fazer uma residência no Summerlab, no Laboral Centro de Arte Industrial em Gijón, que Pedro Soler estava organizando, e lá tinham todas as pós porno da Espanha, e ainda estava lá Annie Sprinkle e Beth Stephens com sua campanha ECOSEX: perceber a Terra não como uma grande mãe, mas como uma amante, da qual não se pode tirar tudo pensando em seu amor incondicional, mas com quem se precisa ter uma relação de troca. Foi um encontro incrível entre hackerismo e transfeminismo, muito importante mesmo, épico, até histórico, éramos muitas transfeministas juntas. Depois disso fui passar uns dois meses na casa de Diana Torres (pornoterrorista) por que queríamos traduzir nossos livros. Foi uma experiência intensa esses dois meses em Barcelona com as perras, como elas dizem.

Sobre Sade: Existe uma relação literária com sade e Masoch, também de práticas do sadomasoquismo e da body modification... Isso não se dá em todos os coletivos pós porno, no caso do movimento espanhol, a relação é óbvia, mas invertida. O movimento que conheci na Espanha tem uma tendência punk, com franca relação com máquinas, metal, computação, noise, uma influência pesada da body modification, que trás em sua bagagem, técnicas contemporâneas e também ancestrais (ou tradicionais) de vivências erótico-sexuais. Quando digo que a relação com Sadismo e Masoquismo é invertida, é porque ela não é hétero nem patriarcal, nem machista. Existe a violência como linguagem que é do mundo, não do macho. Essa invenção da mulher generosa, mansa e apaziguadora é uma invenção masculina, que precisa do corpo passivo para se empoderar por isso o inventa historicamente. Essa linguagem da violência é reivindicada pelo movimento pós porno espanhol, como algo que faz parte da existência das fêmeas. Sendo um movimento prioritariamente feminino e feminista (e transfeminista), o que elas fazem é trazer a tona a violência constituinte da mulher e a usam em relação à política, à militância, às ações públicas e também à sexualidade. Nesse sentido há uma experimentação radical com linguagens sexuais que permeiam a história humana em geral, que não tem a ver somente com Sade e Masoq, mas como eles escreveram e patentearam certas formas de prazer, elas também entram na experimentação, através da perspectiva erótico-feminista.

O que quero dizer com isso é que existe uma ideia radical de experimentação sexual no movimento pós porno, como atesta o filme “Mi Sexualidad es una Creación Artística” de Lucía Egeña Rojas, que mostra que o movimento tem uma intenção real de inovação do imaginário pornográfico em geral, onde se utiliza as ferramentas da sexualidade promovidas até agora, mas renovadas a partir do desejo de fêmeas fortes, poderosas, agressivas, inventivas, propositivas, que trazem consigo muitas linguagens, mas a linguagem da violência também, para explorar seu próprio prazer e inovar o cardápio da sexualidade heteropatriarcal normativa, ou fetichosa. A ideia é incluir novos recursos sexuais performativos dentro da sexualidade cotidiana.

2) Por que o movimento encontra muita produção na Espanha? Quais as principais obras pósporno brasileiras? Como o movimento se organiza aqui no Brasil?

Segundo Diana Torres, a pornoterrorista, esse levante pós pornográfico espanhol faz parte de uma coincidência maravilhosa, como foi o dadaísmo, o surrealismo, etc. Tem como característica a cultura punk, o anarquismo e o movimento software livre. Para analisar mais profundamente a relação da pós pornografia com a Espanha, seria preciso conhecer mais o movimento feminista

antecedente, o que não conseguiria falar aqui. No Brasil não temos exatamente um movimento pós pornográfico, temos outros modos de produzir as coisas, que se baseia em cultura muito diversa do que a espanhola. Nessa linha estética da pós-pornografia espanhola poderíamos dizer que temos grupos como o grupo Coiote que fez o trabalho xereca satânica, a Juliana Dorneles que fez o filme “Amor com a cidade”, as produções videográficas de Taís Lobo, as intervenções institucionais e nas redes sociais de Tatiana Lionço entre diversas outras coisas que não estou citando aqui. Mas a grosso modo, eu poderia dizer que não temos exatamente um movimento pós pornográfico, senão, diferentes experiências que tratam de gênero e sexualidade e nisso entra os movimentos de lésbicas, a marcha das vadias, o movimento nacional das prostitutas, a organização de mulheres indígenas, os circuitos feministas, ou eventos acadêmicos, movimentos pró amor livre ou poliamor, a constituição de famílias estendidas, entre outros. De certo modo aqui no Brasil esses movimentos de afirmação sexual, empoderamento feminino, experiências sexuais diversificadas acontecem através das redes sociais ligadas a sexo e fetiche, discussões sobre gênero, e também na vida cultural, nas performances, nos encontros queers como na Ocupação do Ouvidor em São Paulo, ou na casa Nuvem no Rio de Janeiro, ou ainda no Magrelas em São Paulo, que era uma casa de encontros de mulheres ligadas a arte, bicicleta, software livre, e monte de outras coisas de outros Estados que definitivamente não sou a melhor pessoa para mapear. Mas um movimento voltado a pós pornografia aplicada, com reuniões, debates, decisões, ajuntamento, intervenções em bloco, não é uma prática dos movimentos feministas em geral no Brasil, talvez não ainda, ou somente é diferente. Há alguns casos em que a estética europeia (nesse caso espanhola) é assumida como sua, e reproduzida em detalhes. Mas ao meu ver continuamos com a cultura da antropofagia em grande medida, o que se come aqui do pós porno, vira uma outra coisa.

3) Quais são as definições do *pornoterrorismo*?

Eu, Carola Gonzáles e Ana Girardello estamos traduzindo o livro de Diana Torres (Pornoterrorismo) para o português, que pretendemos lançar ainda em 2015. As principais linguagens são: escrita, performance, vídeo e intervenção (urbana, pública, em encontros). Os conteúdos ou definições são complexos, mas existe a ideia do desvio do terrorismo político para a sexualidade, apontando ao mesmo tempo uma crítica contra a fabricação de terroristas por parte dos Estados e meios midiáticos, e também uma provocação a sociedade em geral, ao produzir uma sexualidade feminista ativa, agressiva, que relaciona o erotismo com os estados de guerra e de violação com o qual convivemos, para criar tensão e pensamento.

Afora a questão do terrorismo, existe uma busca pela inversão do projeto de mulher produzido pelos homens historicamente, então essas aparições agressivas surpreendem as pessoas, pelo excesso de honestidade e também de diversidade. Um dos trabalhos que mais gosto é quando o pornoterrorismo juntou dezenas de mulheres para se masturbar em praça pública em Barcelona, dizendo que as mulheres deveriam se masturbar do modo como elas faziam sozinhas, e só pararem quando gozassem. Esse ataque estético parece inocente, se não fosse um legítimo terrorismo, já que não se espera que as mulheres se masturbem de modos tão diferentes dos que os propagados pela cena pornográfica heteronormativa. Tem também a questão da vingança histórica, a vingança contra os gozos trancados de suas avós, as que eram subjugadas a uma sexualidade de machos, de modo que conclamam o nome de suas antepassadas e se masturbam ou transam publicamente oferecendo o gozo como uma oferenda. É um sacrifício tudo isso, e uma glória. É uma sexualidade publicizada, na linha da pornografia, mas que trata o gozo de modo feminista, mostrando abertamente erotismos, fetiches, desejos sexuais que não estão protocoladas no cardápio da cena erótica habitual. O lesbianismo, o amor entre mulheres é uma questão preponderante no caso do que conheci na Espanha, que mistura o cuidado e a delicadeza com cenas muito fortes ligadas a perfurações, múltiplas penetrações, bondage, travestimento. Em meio a essa cena lésbica decisiva também tem a produção de grupos heterossexuais, transexuais, transgêneros, queers em geral.

Gosto muito do aspecto colaborativo entre essa rede, os eventos, os encontros, as sex parties. Na verdade isso tudo faz parte de um processo, já que são muitos anos de militância e o movimento foi mudando de cara ao longo de todos esses anos. Hoje em dia as participantes do evento pós pornográfico já atuam em outros espaços da sociedade, seja na arte, na academia, no mercado, elas deixaram um legado potente em literatura, vídeo, mídias para as novas gerações. Algumas delas continuam trabalhando com feminismo, sexualidade de forma muito intensa ainda como o coletivo Post-op que atua com pós pornografia com pessoas com deficiências físicas ou mentais, fazendo projetos de desenvolvimento sexual com elas. Diana Torres que acabou de lançar seu novo livro “Coño Potens” e continua com a mostra marrana (mostra de cinema pós pornográfico), Quimera Rosa que está atuando com body noise e relação transespécie, Maria Llopis que está na campanha e publicação do livro “Maternidade Subversiva”, entre outras não citadas aqui, ou seja, muitas delas continuam super potentes e produzindo materiais relacionados ao pós porno. Beatriz Preciado (agora Paul Beatriz Preciado), é uma grande teórica desse movimento, que inspira muita gente a se aventurar nas delícias da pós pornografia. Ela as vezes tem problemas com ativistas por ser acadêmica, mas ao meu ver é uma das melhores acadêmicas que existem, pois sua vida e seu pensamento se sustentam com sua própria experiência, trazendo à tona vivências pessoais para pensar a sexualidade contemporânea, o que é pouco comum no meio acadêmico. O cricricri dos

descontentes é inevitável.

4) O literato francês Jean-Marie Goulemot afirma: "Devemos falar então do livro pornográfico como de um objeto material, cultural e literário cujo trabalho, no essencial, visa a coagir o seu leitor em busca de desejo". Qual a diferença neste processo coercitivo quando falamos do pós-porno? Que tipo de desejo esse movimento quer buscar?

Esse movimento quer buscar um desejo feminista, um desejo que não se submete ao desejo do homem como na indústria pornográfica, uma renovação no imaginário sexual, a invenção cotidiana da sexualidade humana, a libertação das travas sexuais, um desejo menos consumista, menos predador, mais justo, onde pessoas velhas, loucas, deficientes, sem pernas, sem braços, esquizofrênicas, mulheres, homens, jovens, gays, todas multidões queers possam usufruir das alegrias do sexo. É um movimento que vai muito além da questão sexual, mas é a partir da pornografia, seu campo de ação e pesquisa, que é feita a cartografia que problematiza as questões sociais, sejam étnicas, econômicas, políticas, territoriais, metafísicas. Porque o desejo perpassa tudo isso. Teu desejo sexual muitas vezes tem a ver com a validação da tua raça, da tua classe social, do exercício dos teus privilégios. Ou seja, o desejo é moldado para reproduzir um padrão, ou escapar disso através do que se chama até hoje de fetiches ou perversões, que é o lugar do escondido, do que se faz sem poder declarar.

Essas mulheres feministas quiseram e de certa forma criaram um movimento pós-pornográfico, mesmo que o nome não tenha vindo exatamente delas, agiram como se a pornografia fosse somente um hábito débil e restrito da sexualidade, por isso obsoleto. E nesses tempos de pós-moderno, pós-humano, pós-colonização, é inevitável que também a indústria pornográfica machista e obsoleta seja superada.

Para mim o movimento pós-porno é um movimento de amor.